

Sexta-feira, 19 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

RECLAMAÇÃO

FUI ver a exposição de Maria Bonomi (Instituto Brasil-Estados Unidos, rua Senador Vergueiro, 103) e depois liquei pensando umas coisas, não digo desanimadoras, mas desanimadas. Lá um amigo me perguntou se eu estava gostando das gravuras, disse que sim. Estava.

Na verdade não sou insensível àqueles trabalhos; há em alguns uma espécie de música surda criada pelas formas e pela fatura; são estudos estimáveis, feitos por môça de talento e de escola.

Mas eu me permitiria, Maria Bonomi, ser mais exigente a seu respeito. Desculpe dizer essas coisas (que poderiam ser ditas a propósito de tantos outros artistas) logo na inauguração de sua mostra. Será talvez o fato de você ter apenas 24 anos e ser uma pessoa tão vibrante de sensibilidade, tão trêmula de vida, tão irmã mais môça de Clarice Lispector você merecia ser. Então me dá uma pena ver jovem assim entretida em tirar pequenos efeitos da madeira de tópo e da madeira de fio (não é assim que vocês dizem?) e ficar até contrariada quando alguém acha numa gravura por exemplo uma sugestão de palmeira ou de cabeça de peixe.

Você não se matriculou ainda no internato triste do concretismo, em que as môças ficam de castigo proibidas até de ter e ver curvas; seu abstracionismo tem ainda não sei que fantasia expressionista, um certo calor de ritmo, uma ansiosa chama interna. Mas por que desertar das imagens da vida, abandonar a criança, o pássaro, a árvore, o joelho e a panturrilha, a terra e as águas, tudo pedindo a você, tão moçona, para ser recriado, e se fechar nesses deleites de artesanato com fastio sutil e vago?

Desculpe, sou um velho senhor a dizer coisas vãs. Mas me faz bem dizê-las, e me vinga da riqueza de coisas que você nos poderia dar e nos negaiceia desconversando, porque a moda é assim.